

O Rei Está Nu

"Ouça a voz da inocência!" - Exclamou seu pai; e o que a criança dissera foi sussurrado de um para outro... — Hans Christian Andersen¹, A Nova Roupa do Imperador

Tenho que dizer, se ninguém mais o profere: o Rei está nu! A famosa frase é oriunda de um conto de sobre a vaidade humana e dificuldade de ir contra as massas.

"A Nova Roupa do Imperador", de Hans Christian Andersen, conta a história de um malandro que se passa por alfaiate. Ele diz fazer roupas que apenas os inteligentes enxergam. O rei, muito vaidoso, pede roupas para o falso alfaiate, pagando um preço exorbitante. Depois de um tempo o malandro mostra o que teceu e o rei, com vergonha por não poder enxergar as roupas, as elogia. Os nobres ao redor, não querendo parecer burros, também louvam o trabalho do farsante. O rei então vestiu suas roupas invisíveis e saiu pela cidade em um grande desfile. Todos o elogiavam até uma criança dizer a derradeira frase. A sinceridade da criança tirou a venda da irracionalidade coletiva que cegava os súditos. Eles confessam que realmente não enxergavam a roupa e o grito "o Rei está nu" toma a multidão.

Esse conto traz uma mistura de dissonância cognitiva e comportamento em manada. Dissonância cognitiva, inicialmente desenvolvida por Leon Festinger em 1957, é a necessidade que os indivíduos têm em estarem certos e o desconforto gerado quando informações surgem ao contrário de suas opiniões. O comportamento em manada, originalmente referente ao mundo animal, é a atitude de grupos de indivíduos que agem em conjunto sem nenhum planejamento prévio, explicado pelo medo que temos de não sermos aceitos pelo grupo.

Ambos os vieses estão no centro das discussões políticas que observamos diariamente na mídia. São dois grupos extremos, cegamente defendendo suas posições. Quando encontramos um moderado, é apenas uma voz rouca solitária perdida na gritaria dos extremistas.

De qualquer modo, após análise isenta (se é que isso é possível), tenho que dizer: Bolsonaro está nu! Sua capacidade de governar é muito aquém do necessário. Falta inteligência, coerência e serenidade. Além disso, o seu filho e o ex-presidente do seu partido estão envolvidos em casos de corrupção, uma das principais bandeiras de Bolsonaro. **A péssima evolução do governo nestes dois primeiros meses nos entristece, mas não nos surpreende.**

Desde que a possibilidade de a eleição de Bolsonaro ficou real alertamos para a falta de preparo e governabilidade, caso ele fosse eleito. Após sua eleição falamos diversas vezes sobre o excesso de otimismo com Bolsonaro, que na verdade representava apenas um alívio pela descontinuidade do governo petista.

Seu maior acerto foi a escolha de Paulo Guedes como ministro da economia. **E uma reforma da previdência abrangente pode dar o impulso para que o Brasil volte a crescer.** Com o equilíbrio das contas do governo, investimentos virão tanto internamente quanto do exterior. E com os investimentos virão os empregos e consumo.

Entretanto, **distrações externas, como os casos de corrupção ou as publicações absurdas em mídias sociais, só atrapalham as negociações no congresso e semeiam dúvidas nos políticos indecisos.** Uma negociação que já é complicada por si só. E o governo ainda nomeou um líder inexperiente na Câmara.

Se a reforma não sair, sinto dizer que o governo acaba. Pior, ele fica paralisado pelos próximos 3 anos, transformando uma situação econômica crítica em irrecuperável. **Além disso, Paulo Guedes já começa a mostrar desgaste em alguns assuntos como o das privatizações e deve sair se a reforma não for aprovada.** Seria o último prego no caixão.



Felizmente, ainda não é nosso cenário. Acreditamos que a reforma já tem sua necessidade compreendida pelos parlamentares e deve passar, com um teor diferente do original, mas ainda significativo. No entanto, novas notícias podem piorar nossa expectativa. Estamos num ponto de equilíbrio extremamente instável e os riscos

são grandes.

Nossa certeza é de que haverá intensa turbulência nos mercados. A paciência do mercado é finita, e o trâmite deve demorar, como sempre, mais do que o esperado.

Acreditamos que maio será um mês perigoso se o governo não estiver engrenado e a reforma já encaminhada para votação na Câmara. **O velho adágio rimado do mercado "sell in May and go away" (venda em maio e vá embora) pode voltar a ser verdadeiro.** De 1950 até 2013 o índice de bolsa norte-americana rendeu em média 0,3% nos seis meses entre maio e outubro e 7,5% em média entre novembro e abril. São várias as possíveis explicações para esse fenômeno, mas as estatísticas desde 2013 sugerem que esse padrão já não existe mais.

Permanecemos vigilantes. Acreditamos que a bolsa deve se beneficiar mais que outros ativos com a aprovação da reforma. Todavia, **dado o balanço de riscos, preferimos atuar através de fundos de multimercados que capturam a alta das ações, mas também se protegem mais rapidamente durante a volatilidade.**

"Vaidade das vaidades, diz o pregador, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade." — Eclesiastes 1:2

¹ Hans Christian Andersen (1805-1875), nascido em Odense, Dinamarca, foi um autor de contos infantis como "Patinho Feio" e "A Pequena Sereia". Ficou órfão de pai com apenas 11 anos quando abandonou os estudos e começou a escrever contos e pequenas peças teatrais. Em suas histórias buscava sempre passar padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela sociedade.